

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
ISSN: 2317-0018
Universidade Estadual de Maringá
23 de Novembro de 2013

LIBERDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA PARA BAUMAN E SKINNER

Camila Stefani Innecco (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Programa de Iniciação Científica); Carlos Eduardo Lopes (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contato: camilasinnecco@gmail.com

Palavras-chave: Liberdade. Contemporaneidade. Análise do Comportamento.

Trata-se de uma pesquisa em andamento que tem como objetivo esclarecer o conceito de liberdade e suas implicações para a compreensão de problemas da sociedade contemporânea a partir das propostas de Bauman e Skinner, discutindo as semelhanças e diferenças dessas duas concepções.

Nos últimos séculos o mundo contemporâneo sofreu transformações de ordem política, econômica e científica que parecem reverberar no funcionamento da sociedade como um todo. Autores de diversas áreas do conhecimento, como antropologia (MORIN, 2003), sociologia (BAUMAN, 2001), e etologia (LORENZ, 1974) concordam com a existência dessas transformações e de graves problemas oriundos delas.

Bauman (2001), por exemplo, analisa a sociedade contemporânea a partir de uma metáfora. Para ele, essa sociedade pode ser comparada com os líquidos, pois tal como eles, caracteriza-se pela instabilidade de suas formas, pela mudança rápida e constante que acarretam uma insegurança generalizada. Isso contrastaria com uma sociedade sólida, presente no início da modernidade, na qual a ideia de estabilidade social é predominante. Essa estabilidade seria garantida por instituições que regulavam o comportamento dos indivíduos, dando a eles uma identidade e uma rotina específicas e praticamente imutáveis (ALMEIDA; GOMES; RACHT, 2009). Nesse sentido, uma característica marcante da diferença entre a sociedade sólida e a líquida é o papel desempenhado por essas instituições sociais.

Outra característica que diferencia a modernidade sólida da líquida é a discussão sobre segurança e liberdade (BAUMAN, 1997). Ao analisar o papel do Estado e do trabalho, em uma sociedade líquida, é possível perceber que a diminuição de seus poderes faz com que a liberdade individual aumente ao mesmo tempo em que a segurança social, garantida por estas instituições durante a modernidade sólida, diminua. O homem passa a ser integralmente

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

responsável por suas ações e por criar sua própria identidade. Os padrões e códigos, estáveis em uma sociedade sólida, precisam hoje ser repensados e modificados a todo momento por este indivíduo livre: “cabe ao indivíduo descobrir o que é capaz de fazer, esticar essa capacidade ao máximo e escolher os finais a que essa capacidade poderia melhor servir - isto é, com a máxima satisfação concebível” (BAUMAN, 2001, p. 74).

Essa análise nos coloca diante de um paradoxo. Em uma sociedade sólida, a ausência de liberdade, personificada em governantes autoritários, em relações sociais de exploração, em mercados regulados por medidas protecionistas etc., é apontada como uma das principais fontes de problemas dessa sociedade. Por outro lado, em uma sociedade líquida, na qual a liberdade individual parece ser o único bem universalmente defensável, o mal-estar vivido pelas pessoas é cada vez mais comum (BAUMAN, 1998, 2001).

A discussão crítica sobre o papel da liberdade em nossa sociedade não é exclusiva de Bauman. Skinner, desde a década de 1970, analisou o tema contrariando boa parte do pensamento psicológico da época. De acordo com Skinner (1983), um dos principais problemas da literatura tradicional sobre a liberdade está na definição de liberdade como sentimento. Ao identificar liberdade com sentimento, a psicologia tradicional estaria desviando o olhar das relações de controle social do comportamento, inviabilizando o contracontrole e, no limite, perpetuando a desigualdade (HOLLAND, 1978). Em outras palavras, a literatura tradicional da liberdade, ao invés de promover a liberdade, manteria relações de exploração, criando “escravos felizes” (SKINNER, 1983, p. 35).

Assim, tanto Bauman (2001) quanto Skinner (1983) apresentam análises críticas sobre o papel da liberdade na sociedade. Não se trata, é claro, de dizer que esses autores não defendem a liberdade, que são antidemocráticos, ou autoritários, mas de apontar que a maneira como a questão da liberdade individual foi conduzida em nossa sociedade gerou uma série de problemas.

Tendo em vista essa tese, Bauman (2001) investiga a forma como a liberdade era entendida e os ideais que fizeram com que a luta por ela ganhasse força na primeira fase da modernidade. Pode-se encontrar nessa investigação dois grupos de estudiosos com diferentes concepções a respeito da liberdade.

Um primeiro grupo desses estudiosos foram, posteriormente, denominados “libertários” (BAUMAN, 2001, p. 26). Eles defendiam a tese de que liberdade seria sinônimo de felicidade, criando um ideal utópico sobre o ser livre. Por outro lado, havia também

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

estudos amparados em uma visão hobbesiana, que viam a liberdade como catastrófica. Para esse últimos, se a liberdade for entendida como ausência de coerção social, o homem livre seria na verdade uma besta: “a coerção nessa filosofia é a força emancipadora” (BAUMAN, 2001, p. 27).

A modernidade acabou por comprar a ideia dos libertários. O sujeito moderno alcançou a liberdade sonhada acreditando que com ela seria feliz, no entanto a aposta se mostrou errônea se considerarmos que a liberdade gerou um excesso de responsabilidade e um mal-estar contemporâneo (BAUMAN, 1998). Segundo Bauman, a incerteza gerada pela liberdade, ou melhor, pela diminuição da segurança seria a principal característica desse mal-estar da “nova modernidade”.

A liberdade de poder escolher o que quiser entre a gama de múltiplas escolhas oferecidas pelo “mercado” - mercado não apenas no sentido comercial, mas relacionado a todos os âmbitos da vida incluindo os de relações interpessoais - traz uma constante insegurança. Ao escolher algo deixamos milhares de opções para trás e novas oportunidades surgem no instante seguinte. O ser humano encontra-se então com uma necessidade constante de estar sempre atualizando seus produtos, relacionamentos e conhecimentos a fim de acompanhar a sociedade e não se tornar um “estranho”, alguém que resiste à mudança. Assim, o sujeito líquido-moderno torna-se, por meio de suas escolhas, o único responsável pela sua condição e identidade (BAUMAN, 2007).

A maior problemática então encontrada nas ideias de Bauman, seria o fato do ser humano buscar sempre extremos: ou uma segurança muito grande ou uma liberdade ilimitada. Uma possível solução para os mal-estares seria então um equilíbrio entre esses dois extremos “a esperança de atingir um equilíbrio aceitável entre liberdade e segurança [...] precisa ser colocada no centro do esforço do repensar” (BAUMAN, 2007, p. 195). A discussão não seria mais então se há ou não liberdade, mas o quanto se pode ter de liberdade sem perder a segurança.

Como mencionado anteriormente, Skinner apresenta algumas discussões sobre liberdade que parecem se aproximar das de Bauman. Um primeiro ponto similar é a visão crítica a respeito tanto dos libertários, quanto dos hobbesianos.

Bauman (1998) apresenta uma crítica aos libertários ao demonstrar que o sujeito moderno alcançou a liberdade sonhada, mas longe de alcançar a felicidade prometida, acabou com novos problemas gerados pela própria liberdade. No entanto, ao discordar dos libertários,

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

Bauman não toma a visão hobbesiana como verdadeira, pois o indivíduo livre não se corrompeu aos instintos primitivos ou perdeu sua capacidade de viver em sociedade, como defendiam os hobbesianos. Em suma, tanto libertários quanto hobbesianos estavam errados em suas previsões.

Skinner (1983) apresenta uma série de análises críticas ao que denomina “literatura da liberdade” - um posicionamento muito similar ao defendido pelos “libertários”. Segundo esse autor, essa literatura teria a vantagem de induzir as pessoas a atacarem ou fugirem de controle aversivos, alcançando, assim, uma suposta liberdade que as tornariam “felizes”. A principal crítica de Skinner é que a “literatura da liberdade” ignoraria os controles por reforçamento positivo imediato que geram consequências aversivas postergadas. Isso ocorreria porque no contexto dessa literatura a liberdade é definida em termos de um “sentimento de liberdade”, e confundindo o “sentir-se livre” com o “estar livre” não seria possível dar conta dos “escravos felizes”.

No entanto, o fato de Skinner criticar os libertários não o torna um defensor da visão hobbesiana. Em outras palavras, Skinner não se apresenta contra a liberdade ou a favor da coerção. Muito pelo contrário, a crítica ao controle aversivo é um tema recorrente e consistente na proposta skinneriana (SKINNER, 1994). Sua crítica está fundamentada principalmente no “sentimento de liberdade” desvinculado de relações de controle que poderiam ser chamadas de liberdade. Além disso, o “sentimento de liberdade” tem a função de “docilizar” o indivíduo, evitando o contracontrole (SKINNER, 1983).

Na continuidade da pesquisa serão investigadas as afinidades e os distanciamentos entre os autores no campo da política. Isso porque é nesse campo que Bauman vê a possibilidade de enfrentarmos os problemas colocados pela liberdade na sociedade líquido-moderna. Nesse sentido, na próxima etapa do trabalho serão analisadas as propostas e críticas políticas de Bauman e Skinner no contexto da relação entre liberdade e segurança.

Referências

ALMEIDA, F. Q. de; GOMES, I. V.; BRACHT, V. Da modernidade sólida à modernidade líquida. In: _____. **Bauman & a Educação**. Belo Horizonte: autêntica, 2009. p. 31-45.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1998.

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2007.

HOLLAND, J. G. Behaviorism: part of the problem or part of the solution? **Journal of Applied Behavior Analysis**, v. 11 n. 1, p. 163-174, 1978.

LORENZ, K. **Civilização e pecado**. São Cristovão: Artenova, 1974.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SKINNER, B. F. Liberdade. In: _____. **O mito da liberdade**. Tradução de Elisane Reis Barbosa Rebelo. São Paulo: Summus, 1983. p. 25-36.

SKINNER, B. F. Punição. In: _____. **Ciência e comportamento humano**. Tradução de João C. Todorov e Rodolfo Azzi. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 179-188.